

Os culpados.

Peypin d'Aigues, 25/12/79: As formas, sob as quais se manifesta a ofensiva do "sul" contra o "norte" que caracteriza e caracterizará o final deste século, são variáveis. Ora são guerras de libertação, ora ações terroristas, ora são cartelizações de matérias primas, ora infiltrações de mão de obra e de mercadorias baratas, ora são invectivas ideológicas, ora religiosas. Mas por variáveis que sejam tais formas, há fundamento comum a todas elas: tanto os atacantes quanto os atacados acabam concordando que os culpados pelos ataques são os atacados. Tal consenso geral é, por certo, edificante. Quem observa, no entanto, como tal consenso comovente se forma, não pode deixar de ressentir profundo malestar a respeito.

A evolução do consenso, do lado do atacado, é esta: quando determinado ataque é iniciado, os atacados têm a reação "natural" de querer defender-se. Sob o choque do ataque assumem que o culpado é o atacante. Na medida que o ataque vai se desenvolvendo, o atacado vai procedendo a exame de consciência dita "penoso", o qual geralmente assume a forma de polémica em reuniões privadas, seguida de polémica nos media, passeatas, manifestações de contestação, e o qual acaba assumindo a forma de distúrbios e greves. Isto resulta em revisão da posição inicial, e no consenso geral que o culpado é o atacado. Esta é a estrutura geral e constante da reação do atacado. A única modificação em tal comportamento em face da ofensiva é que a duração do exame penoso da consciência vai ficando sempre mais curta. Levou dezenas de anos até que se concorde que os culpados pelas ações da OLP são os judeus. Levou anos até que se concorde que os culpados pela invasão do Vietnã do Sul pelo Viet-cong são os americanos. Levou meses até que se concorde que os culpados pelo aumento do petróleo são as multinacionais. E levou dias até que se concorde que a culpada pelo sequestro da embaixada americana em Teerã é a CIA.

O malestar provocado por tal observação nada tem a ver com a questão: quem é "de fato" culpado? Claro é que quem ataca deve ter motivos para fazê-lo, e igualmente claro é que tais motivos não são necessariamente sempre nobres. De um ponto de vista "neutro" todo evento desta natureza exige exame de consciência por parte de quem quer agir honestamente. O malestar se deve ao fato que o exame de consciência se opera invariavelmente apenas do lado do atacado, e que se opera de maneira padronizada e quase automaticamente. Trata-se, evidentemente, de fenómeno ético, (político e "moral"), que não diz respeito aos eventos individuais, (aos ataques pontuais do "sul" contra o "norte"), mas à maneira pela qual o "norte", (a dita "civilização ocidental"), se assume a si própria. Há, em tal atitude cultural, certa diferença de acento entre os Estados Unidos e a Europa ocidental: a atitude europeia é mais hipócrita e mais suicidária, o que não deixa de ser importante para a compreensão do fenómeno: a Europa tem consciência mais culpada. Mas no fundo a reação das duas metades do Ocidente é a mesma.

Não se deve ceder à tentação de interpretar o fenômeno para-bio-logicamente: o Ocidente está velho e perdendo a vontade de defender-se. Interpretação que seria nefasta: civilizações não são fenômenos biológicos, mas humanos, isto é: não são totalmente determinados pela natureza. Igualmente nefasto seria querer interpretar o fenômeno paternalisticamente: os ocidentais são mais conscientes daquilo que fazem que os seus atacantes. A consciência ética do homem não é função do seu "desenvolvimento" econômico, social ou político, nem sequer do seu "desenvolvimento intelectual", (conceito este dificilmente quantificável). O fenômeno exige interpretação mais adequada à sua "essência", isto é: interpretação ética, se quisermos captá-lo.

Vista superficialmente, a má consciência do homem ocidental se explica facilmente. É intolerável, pelos próprios valores ocidentais, (os judeo-cristãos e os que deles derivam), que o Ocidente viva no conforto econômico, e no gozo das várias liberdades que tal conforto permite, enquanto o resto da humanidade vive na penúria, na opressão, e na indignidade. E não é possível negar-se que tal divisão intolerável da humanidade é obra do Ocidente, e que o Ocidente dela tira proveito. Quando o Ocidente assumiu o poder sobre o Globo, (graças à ciência e à técnica), violentou o resto da humanidade, e continua a fazê-lo, e a escravização dos africanos é disto apenas um entre muitos exemplos. De modo que a má consciência do Ocidente não apenas se explica, mas já vem tarde.

Mas esta não pode ser a explicação correta. A opulência, e as liberdades dela decorrentes, que caracteriza a sociedade ocidental é fenômeno recente, inteiramente excepcional na história da humanidade, e já está dando os primeiros sintomas da sua efemeridade. A miséria e a opressão que caracterizam o resto da humanidade são situações "normais", e pode argumentar-se, (embora tal argumento seja sumamente antipático), que o resto da humanidade viveria ainda mais indignamente, não fosse o Ocidente. E os crimes que o Ocidente cometeu, e continua cometendo, ao dominar o resto da humanidade, por hediondos que sejam, não são diferentes dos crimes que tal resto da humanidade está cometendo: os recentes acontecimentos na África e na Ásia, (por exemplo Amin Dada e Pol Pot), são disto exemplos. Mas isto não impede que os atacantes tenham consciência tranquila e estejam convictos que estão com a "razão", enquanto os ocidentais estão convencidos que são culpados. A explicação deve ser outra.

A verdadeira razão da má consciência ocidental nada tem a ver com sua ação passada e presente sobre o resto da humanidade. Tem a ver com a descoberta, relativamente recente, que os valores fundamentais do Ocidente são criminosos. Não é pelo que faz, é pelo que é, que o Ocidente é culpado. Enquanto os ocidentais acreditavam nos seus valores, toda ação se justificava. E depois de perdida tal fé, nenhuma se justifica. A descoberta da criminalidade dos valores, (padrões, ideais, modelos), ocidentais é acontecimento relativamente recente, mas nem por isto é discutível: é irrevogável. Jamais

a fé nos fundamentos da civilização ocidental poderá ser restabelecida. E é por isto que a civilização ocidental está condenada: não por ações que partem do resto da humanidade, mas pelo consenso ocidental que o Ocidente não merece ser conservado. Dois exemplos, (entre muitos possíveis), bastam para ilustrar que os valores fundamentais do Ocidente não são mais sustentáveis:

A "verdade", no contexto ocidental, é um ideal do qual é possível aproximar-se disciplinadamente, e o discurso científico é a disciplina preferencial, senão a única, graças à qual tal aproximação se realiza. Pois a ciência vai se revelando "desumana" em dois sentidos: objetiva tudo, inclusive o sujeito humano, e as verdades que enuncia são sentenças "falsáveis", isto é: não-verdadeiras, sob pena de não serem científicas. O primeiro se manifesta em fenômenos como armas atômicas, manipulações econômicas, e, em geral, technicalização desumanizante. O segundo sentido se manifesta como cosmovisão científica altamente formal e abstrata, portanto existencialmente inacreditável. Não é mais possível ter-se fé na ciência, nem como fonte de modificação humanizante do mundo, nem como explicação do mundo. E quem perdeu fé na ciência, na "verdade" ocidental, perdeu fé no Ocidente.

A "liberdade", no contexto ocidental, é ideal realizável individual- e coletivamente por ação revolucionária consciente. Sociedade livre é sociedade que destruiu a dominação do homem sobre o homem. E tal dominação é destruída ao abolir-se o motivo econômico que a propela. Pois o stalinismo sugeriu, e acontecimentos subsequentes o confirmaram, que a abolição de motivos econômicos, e a destruição do domínio do homem pelo homem não resulta em liberdade, mas em opressão impessoal da sociedade por um aparelho impessoal, e que isto não se deve a erros de execução, mas que isto está inerente na própria aplicação do ideal da liberdade no significado ocidental do termo. E quem perdeu fé na liberdade no sentido ocidental, perdeu fé no Ocidente.

A mesma análise pode ser feita com os demais ideais ocidentais, como seja "justiça", "amor" ou "beleza", mas os dois exemplos bastam. Se estou convencido que a ciência é fundamentalmente nefasta, e que a ação libertadora é basicamente tiranizadora, não apenas não posso recomendar tais métodos ao resto da humanidade, como ainda devo abandoná-los. E ao abandoná-los, abandono o próprio chão que piso. E isto é a razão da má consciência do Ocidente: a convicção que a consciência ocidental é má. Na Europa ocidental a consciência é pior que nos Estados Unidos, porque é lá que ela se formou, e é lá que deu seus frutos mais nefastos. Mas isto pouco importa: o que conta é que o Ocidente, ao desenvolver os valores que lhe são fundamentais, revelou serem eles valores destruidores da dignidade humana. O "exame penoso da consciência", provocado pelos diversos ataques do "sul", é apenas conscientização sempre renovada da descoberta anterior que o Ocidente não merece ser defendido.